

RELIGIOSIDADE: PODER E SOBREVIVÊNCIA NA PENITENCIÁRIA FEMININA DO DISTRITO FEDERAL

Laura Ordóñez Vargas
*Universidade de Brasília**

Resumo: Neste trabalho examina-se a religiosidade na Penitenciária Feminina do Distrito Federal (PFDF). Ou seja, analisa-se o papel que desempenham os grupos religiosos e os discursos cristãos nessa instituição total sobre mulheres encarceradas. Assim, primeiro realiza-se uma breve etnografia que descreve a forma como opera a religião na PFDF: as diversas igrejas que assistem as internas, a distribuição dos horários, o sistema de participação nos cultos, entre outros. Depois, considerando que o processo de aprisionamento produz sujeitos institucionalizados, interpreta-se o aspecto religioso como um dos mecanismos de poder e controle que a instituição exerce sobre a massa carcerária para tê-la mais calma e dócil e, simultaneamente, como um dos mecanismos de adaptação-resistência que adotam as internas para suportar a hostilidade do dia-a-dia da prisão. Embora as suas limitações, que também serão sinalizadas neste trabalho, a religiosidade efetivamente atua como um dos caminhos de volta à singularidade, preenche de sentido e de finalidade a vida atrás das grades: razões fundamentais para sobreviver ao aprisionamento.

Palavras-chave: mecanismos de adaptação-resistência, mulheres encarceradas, poder e controle, religiosidade.

Keywords: adaptation-resistance mechanisms, power and control, religiosity, women prisoners.

Este trabalho é fruto da minha dissertação de mestrado, cujo trabalho de campo foi realizado na Penitenciária Feminina do Distrito Federal (PFDF)

* Mestre em Antropologia Social.

durante o segundo semestre de 2004, sendo o “religioso” a chave de entrada nesse universo social.¹ Como era de se esperar, durante a pesquisa de campo foi-se desvendando uma realidade social complexa que, a partir desse viés e para além dele, se desdobrou no surgimento de novos elementos. Assim, o “religioso”, junto com outros aspectos da vida prisional feminina, como as “formas de sociabilidade” e a “homossexualidade”, desenharam o tripé analítico da minha interpretação. Interpretação que esteve permeada pelo recorte analítico de gênero, uma vez que na cultura carcerária feminina se configuram dinâmicas específicas e particulares quando comparadas com as dinâmicas na cultura carcerária masculina.

Neste trabalho, analiso o aspecto religioso particularmente, sem desconsiderar a sua interdependência dos outros dois aspectos acima referidos. Para isso, primeiro realizo uma breve etnografia descritiva sobre a forma como opera a religião na PFDF: as diversas igrejas que assistem as internas, o sistema de participação nos cultos, as manifestações religiosas informais, entre outros. Seguidamente, apresento minha escolha analítica para, posteriormente, com base nela, explicitar o papel que os grupos religiosos e o discurso cristão desempenham nessa “instituição total”, conforme a perspectiva dos diferentes atores da comunidade prisional, mas privilegiando a voz das presidiárias. Esclareço, antes de iniciar, que meu propósito não é fazer uma contribuição no campo dos estudos da religião.

¹ Essa pesquisa esteve vinculada a um projeto maior do Pronex/CNPq “Movimentos Religiosos no Mundo Contemporâneo”, cujo objetivo tratava sobre a presença religiosa no espaço público de modo geral, sendo a cadeia um desses espaços públicos particulares.

ETNOGRAFIA

Na PFDF, a organização política, econômica e espacial da massa carcerária feminina não está vinculada aos grupos religiosos, diferentemente dos presídios masculinos.²

Na PFDF entram 11 grupos religiosos para assistir as internas. Dentre esses, nove grupos são evangélicos de diferentes denominações: seis grupos batistas; dois grupos da Assembléia de Deus; um grupo da Igreja Universal do Reino de Deus. Dois grupos são católicos: a Pastoral Carcerária e a Oficina de Oração Católica. Existe mais outro grupo não religioso, os Narcóticos Anônimos (NA), que é considerado pela instituição como grupo religioso porque também ajuda às internas.

Para a pesquisa entrevistei os agentes religiosos da Igreja Batista Primeiro de Julho, que trabalham com as mulheres presidiárias há 8 anos; da Igreja Batista Filadélfia, há 14 anos; da Igreja Batista Central de Brasília; da Igreja Assembléia de Deus, que trabalha há 4 anos; da Pastoral Carcerária, há 12 anos, e, finalmente, do Grupo de Oração Católico, que atua com as mulheres há 7 anos.

Dentre os grupos católicos, por um lado, a Pastoral Carcerária é uma divisão das pastorais sociais que fazem parte da Igreja Católica. Por outro lado, o grupo de oração católico é independente da Igreja, mas realiza oficinas com as internas tendo como base do seu trabalho os preceitos católicos.

A distribuição dos horários, segundo alguns agentes religiosos, é negociada entre a administração e os grupos conforme a disponibilidade de tempo dos grupos. Desse modo, cada grupo evangélico, dos nove, assiste às internas

² Na penitenciária masculina de Brasília, “Papuda”, os grupos religiosos, particularmente os evangélicos, constituem uma segunda administração penitenciária e concentram o poder de decisão entre a massa carcerária. Os espaços físicos e simbólicos exclusivos dos crentes atuam como espaços de resolução dos conflitos e de proteção contra a violência e os juramentos de morte entre os grupos de internos (Segato, 2001). O mesmo não acontece na PFDF, devido ao baixo índice e grau de violência física e à inexistência de mortes entre as internas.

um ou dois dias do mês: o grupo de Oração Católica realiza duas oficinas ao ano, de quatro meses cada uma, e, nesse período, assiste às internas quatro dias do mês, ou seja, uma vez por semana; a Pastoral Carcerária ingressa na penitenciária nos três primeiros sábados do mês e ministra a missa durante um desses sábados; e, finalmente, o grupo de Narcóticos Anônimos assiste às internas uma vez por mês, no último sábado.

Para entender o sistema de participação nos cultos é preciso descrever, *grosso modo*, o complexo penitenciário da PFDF, que se divide em quatro blocos. No bloco I encontram-se as internas de “regime semi-aberto” e os homens de “tratamento psiquiátrico”. O bloco II destina-se exclusivamente para os escritórios administrativos dos agentes penitenciários e funcionários. O bloco III abrange a maior parte da população carcerária, ou seja, as internas de “regime fechado”. Esse bloco está dividido por sua vez na ala A (sentenciadas e provisórias), ala B (mães gestantes e lactantes) e ala C (idosas e doentes). Finalmente, o bloco IV, que não está em funcionamento.

No momento da pesquisa, o sistema da participação das internas nos cultos evangélicos, por um lado, dependia da coincidência do horário designado ao grupo religioso com o horário do “banho de sol” das internas no pátio. Assim, por exemplo, se as internas da ala C encontravam-se no pátio no horário da Igreja Primeiro de Julho, as que assim quisessem participavam do culto daquela Igreja. Já para participar dos dois grupos católicos, as internas tinham que se inscrever em uma lista, devido ao fato de serem os sábados os dias de visita da Pastoral Carcerária, bem como pelo fato de o Grupo de Oração de Oficina realizar a assistência em formato de oficinas.

Em junho de 2003, a Fundação Integra (Instituto de Integração Social e de Promoção à Cidadania) construiu no bloco III, de regime fechado, uma capela católica e, do lado, um espaço ecumênico evangélico. Ambos os espaços destinados à realização dos cultos com as internas desse bloco. No momento da pesquisa alguns cultos eram realizados ainda no pátio, e outros nesses espaços. No bloco I, de regime semi-aberto, os cultos evangélicos são realizados no pátio do bloco, enquanto que, nos dias de sábado, que correspondem à Pastoral Carcerária, as internas deste bloco são levadas ao bloco III para assistirem aos trabalhos de evangelização ou da missa.

Segundo as estatísticas de junho de 2004, tendo como base uma média de 312 internas, ingressaram na penitenciária 44% de católicas, 27% de evangélicas e 1% de espíritas. Os 28% restantes não informaram ou não possuem religião. Uma vez lá dentro, levando em consideração que no momento da pesquisa uma mesma interna podia assistir aos cultos evangélicos bem como aos católicos, as estatísticas de assistência das internas aos cultos mostram que os grupos evangélicos ganham um maior número de adesões, sendo que 49% assistem aos grupos evangélicos, e 35% aos grupos católicos.

Dentro da penitenciária observei dois cultos de duas Igrejas Batistas: a Central e a Batista Primeiro de Julho (IBPJ). O primeiro foi realizado no pátio da ala do regime semi-aberto, com a participação de 16 internas, e o segundo no espaço ecumênico do Bloco III, contando com a presença de 25 internas. Os cultos seguiram a mesma liturgia das igrejas evangélicas de fora: o momento de cantar e louvar, e o momento da palavra do pastor, que inclui a leitura da Bíblia. Iguais a todos os cultos dentro da penitenciária, estes tiveram uma duração de uma hora e meia a duas horas aproximadamente.

Além dos grupos e dos cultos religiosos evangélicos e católicos, a prática religiosa se estende como manifestação informal entre a população carcerária que, de forma individual ou grupal, à noite, nas celas ou em outros espaços, unem-se em campanhas, jejuns, grupos de oração e leitura da Bíblia.

Surgem também, segundo as próprias internas, manifestações religiosas informais individuais não cristãs, de espíritas, budistas, místicas, messiânicas. Cabe ressaltar também que na PFDF algumas internas declaram não ter religião. Em relação às práticas das religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda, não encontrei nenhum indício da sua presença na penitenciária. Segundo o relatado por todas as internas que entrevistei e pelas agentes penitenciárias, tais práticas não fazem parte do cotidiano prisional.

ESCOLHA ANALÍTICA

O processo de aprisionamento é um processo produtor de novas subjetividades; assim, produz sujeitos institucionalizados. Esse processo, pautado e constituído pelo poder e controle exacerbados, está circunscrito por dois

“ritos de passagem” que, respectivamente, marcam o ingresso e a saída da cadeia. Desse modo, no momento do ingresso da mulher na cadeia nasce a “criminosa” ou a mulher encarcerada, cuja identidade é institucionalizada.

Entende-se o sujeito feminino institucionalizado, seguindo a Foucault (1987), como resultado da intromissão indesejável e forçada da instituição no reduto da individualidade da presidiária; do controle de todos os aspectos da sua vida e da sua rotina; da invasão da sua reserva simbólica individual e da total perda de escolha, autonomia e singularidade. Deve-se considerar, além do mais, que estamos tratando com sujeitos sobre os quais, antes de serem encarcerados, já recaía uma múltipla exclusão: mulheres, pobres e não-brancas, sendo o processo de aprisionamento mais outro fator de exclusão, ou seja, criminosas. Estigma que se imprime para sempre no corpo e na vida dessas mulheres.

Assim, com base na máxima de Foucault (1984), “onde há poder, criam-se mecanismos de resistência”, máxima que nesse contexto se desenvolve de forma mais veemente e gritante, interpreto o papel que desempenham os grupos religiosos e o discurso cristão no contexto prisional feminino sobre esses novos sujeitos institucionalizados. Desse modo, a “religiosidade” na PFDJ junto com outros dois aspectos da realidade prisional, a “sociabilidade” e a “homossexualidade”, atua como uma das tecnologias e estratégias de poder e de controle da instituição sobre a massa carcerária e, simultaneamente, atua como um dos mecanismos de “adaptação-resistência” adotados pelas internas, e cruciais para a sua sobrevivência: sobrevivência que implica um delicado equilíbrio entre submissão, adaptação e resistência.

O conceito que utilizo, “mecanismos de adaptação-resistência”,³ refere-se a um conceito híbrido onde comportamentos e discursos aparentemente

³ Esses mecanismos são espaços intermediários e brechas do sistema prisional, onde a vida e a singularidade pedem passagem subordinada e limitada ao poder e controle e, ao mesmo tempo, em coexistência negociada com eles.

adaptativos se comportam simultaneamente como formas de resistência. O discurso híbrido é aquele onde falam concomitantemente e em tensão o sujeito reduzido a uma posição de subalternidade e o sujeito rebelado, insatisfeito nela (Segato, 2003, p. 249).

No caso específico da “religiosidade”, a presença dos grupos religiosos e a circulação do discurso religioso atuam como mecanismos de poder e de controle para manter calma a massa carcerária. Simultaneamente, para as internas, a assistência aos cultos e a presença dos grupos religiosos são formas de passar o tempo de ócio, de escutar palavras de conforto, de ter canais de contato com pessoas de fora do presídio. Do mesmo modo, a adoção do discurso religioso cristão por parte das internas, sendo o único recurso discursivo a que têm acesso, ainda considerando todos os limites que isso possa implicar, lhes oferece sentido, finalidade e transcendência à vida intramuros. Com a adoção desse discurso a interna que não consegue se singularizar aos olhos do mundo consegue-se singularizar aos olhos de Deus, bem como frente aos agentes religiosos.

PAPEL DOS GRUPOS RELIGIOSOS: COMO PODER E CONTROLE

Desde a perspectiva dos agentes penitenciários e não penitenciários, os grupos e os discursos religiosos cristãos desempenham um papel positivo de eficácia individual e institucional. A religiosidade é um mecanismo indireto, mas efetivo, de controle sobre a massa carcerária, uma vez que sua presença no cotidiano prisional suaviza, balsama e ameniza as tensões diárias das internas, tornando-as mais dóceis. Assim, afirmaram:

Eles realizam cultos de apoio para as internas, válido e positivo. Também nos ajudam a ter as internas menos revoltadas. Eles dão sossego às internas. (Agente penitenciária).

A partir de outra perspectiva, a psicóloga reforça esse papel dos grupos e do discurso religioso, e o equipara com o papel do tabagismo ou do uso de

drogas. Todos eles ajudam a tranquilizar as internas e a diminuir a ansiedade que, na situação de encerramento, é muito alta:

Os grupos têm uma função de trabalhar a auto-estima, trabalhar a questão do perdão. Eles trabalham o momento presente, não olham as causas, a origem. Essencialmente, a função deles é uma função ansiolítica, eles diminuem a ansiedade, através da reza compulsiva, da leitura compulsiva da Bíblia, dos cantos. É uma forma de diminuir a ansiedade geral com todos os limites que a gente possa ver, mas é uma função. Tem que ter alguma forma. Do mesmo modo que o tabagismo, a maconha, as drogas, como tem os remédios. Os grupos têm uma função sadia, pelo menos abaixa a ansiedade e não têm efeitos colaterais químicos.

Considerando a visão que os agentes religiosos têm das internas, para eles seu trabalho de assistência religiosa na penitenciária constitui-se em uma forma de realizar sua missão filantrópica e proselitista, cujo objetivo principal é a evangelização e a conversão religiosa:

Para nós o conhecimento bíblico é fundamental, por isso nosso objetivo é evangelizar, levar a palavra de Deus e ressocializar as pessoas. Muitas falam para nós que o que a gente faz é um conforto espiritual. Eu falo para elas: a sociedade pode falar que vocês são lixos, mas vocês são lixos recicláveis, são superimportantes. (Pastoral Carcerária).

Eu não as vejo como pragas, as vejo como pessoas que podem ser recuperadas pelo poder de Deus, como pessoas carentes, que precisam ajuda, por isso eu vou lá, com o propósito de levar algo de Deus para mudar suas vidas. (Igreja Batista Central de Brasília).

Os grupos religiosos também contribuem materialmente com a penitenciária. A ajuda material refere-se à doação de cestas básicas às famílias das internas mais carentes e doação de elementos, geralmente de asseio pessoal, para uso das internas ou dos seus nenês, como fraldas, absorventes, desodorantes, cremes, sabonetes, entre outros. Eles também são os maiores doado-

res nas festas e cerimônias da instituição. Contudo, cabe ressaltar que, durante essa administração, a ajuda material não se realiza de forma direta entre os grupos e as internas, mas primeiro chega às mãos da administração que, posteriormente, as distribui entre as internas.

RELIGIÃO: DISCURSO DOMINANTE E MECANISMO DE ADAPTAÇÃO-RESISTÊNCIA

Como outra face da mesma moeda, para as internas, a presença dos grupos religiosos, bem como a adoção do seu discurso, desempenha um papel de profunda eficácia individual dentro desse contexto e sobre esse grupo de mulheres aprisionadas, e atua como um mecanismo de “adaptação-resistência”. Dada a necessidade e a possibilidade, na falta de outras, os grupos e o discurso religioso preenchem de sentido e de finalidade a vida atrás das grades para muitas internas. Através deles, as internas se singularizam frente a Deus e frente aos agentes religiosos. Aliás, o discurso cristão é professado e está completamente internalizado na narrativa das internas.

Os grupos são um “refrigério” para nossa alma, eles são divinamente maravilhosos. (Interna).

Os grupos são maravilhosos, ótimos, é muito bom. Dão uma paz de espírito muito grande. São muito significativos, dão palavras de conforto e levantam o ânimo da gente. Deus para mim mudou tudo, é ele que me dá forças para superar e suportar tudo o que eu já vi e já vivi, se não fosse por Ele acho que não agüentaria. Para mim a cadeia é um lugar que o diabo fez e nem ele suportou ficar, deixou para nós... (Interna).

A presença dos grupos e dos discursos religiosos cristãos, além de proporcionar às internas um suporte emocional, representa um parêntese no cotidiano prisional que as anima, lhes dá força e preenche de sentido os dias em cativeiro. Do mesmo modo, o discurso de “libertação”, principalmente dos grupos evangélicos, ao dialogar por oposição com a realidade do aprisionamento, coloca uma oferta alternativa de “liberdade” numa situação onde o desejo de ser livre se torna muito presente.

Assim, por exemplo, uma das entrevistadas e ex-presidiária relata sua experiência de “libertação” quando esteve pela segunda vez dentro da penitenciária. Eis aqui sua narrativa de conversão.⁴

O encontro com Deus foi na segunda vez que estive na cadeia. Da primeira vez eu não fui tocada, o que me mantinha era saber que meu filho estava me esperando. Da segunda vez, eu sentia a necessidade de um encontro com o Senhor. Aí, eu estava caminhando no pátio e encontrei um folheto que me tocou profundamente e rapidamente. Falava que tinha dois deuses: Deus e o diabo, ou eu escolhia a vida ou escolhia a morte. Nesse momento eu fui tocada no coração, de um momento para outro eu aceitei Jesus. Desde esse dia somos só eu e Deus. No outro dia falei com os irmãos da Igreja Primeiro de Julho e me converti. Sou outra pessoa, me libertei. A vida que estava levando ficou para trás, já não penso mais em traficar, agora só quero ser uma pessoa honesta e trabalhar. Foi uma mudança de vida, de hábitos, de desejos, de tudo. Muda-se do ódio para o amor. (Ex-interna).

Do mesmo modo, as internas reconhecem o valor do aprendizado religioso que se realiza na cadeia:

Por uma parte eu acho ruim ter vindo à cadeia, mas por outra acho bom, porque eu aprendi, aprendi como realmente é a realidade, porque lá fora eu estava sendo induzida pelo inimigo, estava fazendo obras malignas que não é a favor de Deus. Se eu não tivesse estado aqui dentro não tinha aprendido tudo o que aprendi. (Interna).

⁴ O relato de Maria Lúcia está caracterizado por quatro seqüências que permeiam a narrativa dos convertidos, segundo Richette (2003, p. 158), que realizou uma pesquisa na Suécia com ex-alcoólatras convertidos ao pentecostalismo; elas são: “a antiga vida”, caracterizada pela criminalidade; “a intervenção de Deus”, que são signos – nesse caso o folheto – que indicam que algo novo está por vir; “a vida liminar”, quando as mudanças acontecem; e, por último, “a nova vida”, que vem depois da salvação e significa uma profunda transformação na identidade.

Antônia, uma das duas internas com quem tive contato na minha primeira entrada no cárcere, chegou a referir-se à cadeia como a melhor alternativa de sobrevivência colocada por Deus:

Cadeia foi a melhor coisa que me aconteceu, eu agradeço estar aqui, se eu não tivesse sido recolhida estaria morta. Eu era muito viciada, muito, eu já nem... eu estaria morta mesmo. Foi Deus quem me colocou nesse lugar, aqui eu conheci nosso Pai Salvador. Desde que conheci a palavra do Senhor, a Antônia que entrou, morreu.

Agna, que tem uma condenação de 50 anos, não comete suicídio porque o suicida na lei de Deus é condenado:

Eu vou te falar a real aqui, porque não é da lei de Deus, se não eu se mataria. Se não existisse Deus, se não estivesse na lei de Deus que o suicida é condenado, eu “se” suicidaria, porque eu preferiria eles terem me dado uma sentença de morte, porque aos poucos eles estão me matando.

Mesmo não acreditando na doutrina, algumas internas assistem aos cultos porque, também, estes são espaços e momentos que preenchem o tempo de permanente ócio e permitem contato com o mundo de fora. Isso porque os cultos são uma das escassas alternativas de sociabilidade, de conforto e de transcendência na cadeia.

Os grupos religiosos, em algumas ocasiões, atuam como agentes de reinserção ou de purificação social para as ex-presidiárias. Algumas mulheres, que quando liberadas continuam assistindo às igrejas e adotam a identidade religiosa, de crente ou de católica, “limpam” seu estigma de criminosas. Isso lhes ajuda a viabilizar alternativas de emprego por meio das pessoas da igreja, pastores, padres ou irmãos de fé. Assim, por exemplo, as duas ex-presidiárias que entrevistei, pelo fato de serem convertidas, arrumaram emprego através dos seus grupos religiosos.

Eu cuido de uma velhinha que é mãe de uma irmã de fé. Foi muito difícil arrumar esse emprego porque se eu falava que era ex-presidiária para as

peças aí não ia conseguir nada. Eu não vou falar e não vou mentir. Mas se não me perguntam eu não vou falar, vou ficar calada. Se me perguntam eu falo. (Ex-interna).

Contudo, sendo o universo prisional um lugar pobre de alternativas discursivas, o discurso cristão ou de “superioridade moral”⁵ se faz onipresente na prisão e concentra, monopoliza e regula a palavra no cárcere e, com ela, as vias de acesso ao bem, a auto-reflexão, auto-avaliação e redenção, sendo a conversão religiosa⁶ o único caminho possível de transformação individual. Ainda existindo outros discursos circulantes no universo prisional, como o discurso psiquiátrico, psicológico e de narcóticos anônimos, o discurso cristão preenche as de antemão escassas alternativas discursivas que a instituição, por meio dos grupos religiosos, privilegia e disponibiliza às internas.

Desse modo, o discurso bíblico, na PFDF, torna-se o recurso discursivo mais rico com o qual as internas estão em contato, “é ele e somente ele que, na maioria dos casos, preenche a lacuna das figuras discursivas características do encerro prisional” (Segato, 2001, p. 138). Aliás, a Bíblia é o único livro que as internas podem ter nas celas e nos pátios sem nenhuma restrição.

Ainda considerando os aspectos positivos que os grupos religiosos e o discurso cristão desempenham para todos os atores da comunidade prisional, deve-se questionar, contudo, a ausência de outros arcabouços discursivos sob os quais as presas possam assumir seus crimes e suas vidas com uma atitude responsável e reflexiva, “onde é responsável quem se torna capaz de responder pelo que fez frente aos outros e de recuperar o sentido dos seus atos de forma reflexiva e crítica” (Segato, 2003, p. 11, tradução minha).

⁵ Seguindo a classificação das religiões em dois grandes grupos, realizada por Segato (2001, p. 141), existem as religiões de “superioridade moral” e as religiões “trágicas”. As de “superioridade moral”, expressas principalmente pelo cristianismo, possibilitam as vias de acesso ao bem, mas também detêm o monopólio do bem, dos discursos para que as pessoas se possam considerar boas.

⁶ Entendida como adoção por parte de um indivíduo de um novo código de crenças, de um novo sistema de valores e, junto com esses, a adoção de novas práticas e comportamentos, em relação ao plano divino e ao terreno.

Questiona-se a contenção da palavra no universo prisional, que impede as internas de relatarem suas autobiografias a partir de múltiplas vias discursivas, que não limitem nem polarizem a concepção de si mesmas sobre supostos dicotômicos, descontínuos e excludentes como os que estão contidos no discurso cristão, que ao focar e trabalhar o presente do sujeito ignoram e apagam os contextos originários dessas mulheres.

Desse modo, cabe perguntar pela relação que se estabelece entre conversões e reincidências. Também, pelas presidiárias que não aderem aos grupos religiosos, bem como pelas internas que, ainda aderindo a eles, mantêm comportamentos e práticas que para esses são inaceitáveis. A homossexualidade, claramente, se distancia do modelo “do bom e do certo” que propõe esse discurso.

O discurso cristão na PFDF cria uma equação que equipara conversão religiosa com ressocialização da interna. Propõe um modelo de transformação individual que necessariamente passa pela conversão religiosa, onde, pela intervenção e poder de Deus, a interna morre, deixa para trás sua anterior vida de criminosa – associada à influência do demônio e do mal – e renasce para uma nova vida convertida numa nova pessoa de Deus e do bem. Senão vejamos:

A nossa conversão é aceitar a Jesus como o senhor e salvador da vida. Se alguém levanta a mão, essa pessoa está mudando o modo de viver por outro modo, pelo nosso modo. Nós não fumamos, não fazemos coisa errada, somos pessoa do bem, só orar... isso é uma conversão. A pessoa se libertou do pecado, não vai querer mais matar, mais assaltar, mais mexer com drogas, vai se converter. A vida de ontem fica para trás. (Igreja Batista Filadélfia).

É claro que entre os católicos e evangélicos existem variações frente à conversão. Entre o discurso da Pastoral Carcerária e os grupos evangélicos, *grosso modo*, o católico explicita uma preocupação social que é mais condizente com a realidade e com o contexto que envolve as internas, enquanto que o evangélico manifesta uma preocupação de tendência mais individual, da pessoa com Deus.

Por trás das conversões religiosas evangélicas, seguindo a Segato (2003, p. 7), existe um vocabulário de “morte” e “renascimento”, onde o sujeito

nega absolutamente reconhecer-se nesse outro que perpetuou o crime. Essa estratégia de ter sido outro, já morto, faz com que a pessoa se exima da sua responsabilidade e desconheça a agência dos seus atos passados, deslocados e não assumidos, pelo sujeito que se diz atual. Assim, por exemplo, se uma interna assaltou, matou ou traficou, seu crime, avaliado em termos de pecado, fica sob a responsabilidade da ação do diabo ou de algum encosto que decidiu no lugar dela.

Desse modo, na conversão religiosa dos evangélicos, a responsabilidade pelas ações passadas do sujeito encarcerado é depositada nas ações do “inimigo”, e a responsabilidade das ações presentes e futuras fica nas mãos de Deus. Para quem já está sob um regime tutelar, privado de toda singularidade, agência e responsabilidade, depositar o pouco que resta de si no poder e na vontade divina não contribui de forma alguma com o suposto de devolver à sociedade de um indivíduo preparado para viver em liberdade.

Assim, segundo todos os atores da comunidade prisional, agentes penitenciários, internas, agentes não penitenciários, bem como os mesmos grupos religiosos, várias internas que se assumiram convertidas dentro da prisão, uma vez em liberdade, reincidiram e voltaram para a cadeia:

Tem realmente poucas internas que, quando saem continuam freqüentando a Igreja. Estas mulheres lutam como umas leas todos os dias para não roubar ou não traficar, ainda vendo os filhos com fome. Outras aparecem na Igreja no começo, para pedir cestas básicas para suas famílias, e depois somem e voltam para o crime e para cadeia. (Igreja Batista Primeiro de Julho).

Tem muita gente que se escuda atrás da Bíblia, tipo um falso profeta, que fala de Deus, mas a mente está virada para o crime. Tem umas que se convertem somente aqui dentro. Quando saem começam a cair na gandaia, esquecem de Igreja, esquecem de tudo, caem nas drogas e voltam para cadeia. Isso acontece muito. (Interna).

Os parâmetros do discurso cristão colocam, às vezes, metas e modelos tão inatingíveis que impedem as internas de se pensarem como “uma boa

pessoa”. Isso se exemplifica nos depoimentos de algumas delas que, ainda tendo mudado sua forma de agir e de pensar, e acreditando em Deus, não conseguem se considerar convertidas, ou seja, suficientemente boas:

Eu não sou convertida, a pessoa convertida é mais sábia e eu não tenho toda aquela sabedoria, eu às vezes sou muito esquisita, pois como levo tanto tempo aqui, às vezes fico revoltada, não quero falar com ninguém, fico isolada, mal-humorada, por isso não me acho convertida. (Interna).

Do mesmo modo, nesse modelo do “bem” cristão, a homossexualidade é pecado. Assim, o discurso evangélico, diferentemente do católico, é muito repressivo e radical frente a essa prática na PFDF:

A homossexualidade é um negócio demoníaco, mulher com mulher, homem com homem, nós somos contra. Isso é abominável aos olhos de Deus e é pecado. A gente então tenta botar religião na cabeça delas. A palavra do Senhor diz que vão para o inferno e que isso é coisa do demônio. Se as mulheres são lésbicas e aceitam Jesus, elas têm que deixar. Geralmente quando são lésbicas elas ficam sem religião, porque elas sabem que estão erradas. (Igreja Batista. Filadélfia)

Desse modo, sendo a homossexualidade uma prática muito freqüente no contexto prisional, a homofobia exacerbada dos grupos religiosos afasta as mulheres deles, mas não necessariamente da religião, criando conflitos entre a sexualidade e a religiosidade das internas,

A mulher da Batista me ajudou muito durante todo o tempo que estive aqui, mas quando falaram para ela que eu estava com outra mulher, ela ficou doida e me disse que não acreditava isso de mim, que não fosse decepcionar ela, que se eu estivesse com outra mulher ela não ia vir mais a me visitar. Aí eu fiquei pensando, porque na Bíblia diz que o homossexualismo é abominável aos olhos de Deus. Aí eu fico pensando também esse lado, de eu não receber uma bênção de Deus, de ele não olhar para mim porque sigo o caminho do homossexualismo. Eu no começo fiquei muito confusa, mas o que eu estava sentindo era mais forte, aí eu

comecei a me afastar das religiões, de orar, voltei a fumar, pegava pouco a Bíblia. Eu sabia que o que eu estava fazendo era errado. (Interna).

É importante destacar que, apesar da frequência nos cultos, por razões que poderiam considerar-se extra-religiosas, na penitenciária, segundo as internas, existem mais conversões sexuais do que religiosas: um maior número de internas vira lésbica do que crente ou católica.

Para finalizar, cabe dizer que o papel que desempenham os grupos religiosos, os cultos e o discurso cristão na PFDf são eficientes e positivos para todos os atores da comunidade prisional. Para as agentes e a administração penitenciária são uma forma de controlar a massa carcerária, para os agentes da saúde são uma forma de liberar a ansiedade e, para os agentes religiosos, de evangelizar.

Apesar das complexas limitações, conflitos e contradições, para muitas internas a religiosidade constitui-se num dos mecanismos de adaptação-resistência, enquanto espaços e brechas que o sistema penal oferece, e que efetivamente atrás das grades atuam como caminhos de volta à singularidade da interna, desta vez, frente a Deus e frente aos agentes religiosos, preenchendo de sentido e de finalidade a vida e o dia-a-dia atrás das grades: razões fundamentais para sobreviver ao aprisionamento.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Historia de la sexualidad: la voluntad del saber: tomo 1*. México: Siglo XXI, 1984.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

RICHETTE, Christian. I've got the promise of an eternal life: religion and personal identity among pentecostal ex-alcoholics in Sweden. In: ALVARSSON, Jan-Ake; SEGATO, Rita Laura (Ed.). *Religions in transition: mobility, merging and globalization in the emergence of contemporary religious adhesions*. Uppsala: Uppsala University Library, 2003. p. 143-159.

SEGATO, Rita Laura. Religião, vida carcerária e direitos humanos. In: NOVAES, Regina (Org.). *Direitos humanos, temas e perspectivas*. Rio de Janeiro: ABA: Mauad: Fundação Ford, 2001. p. 137-145.

_____. *El sistema penal como pedagogia de la irresponsabilidad y el proyecto "Habla Preso: el derecho humano a la palabra en la cárcel"*. Brasília: UnB, 2003. (Série Antropologia, v. 329).